

FUNK NA ESCOLA: A ARTE E OS CORPOS (IN)DISCIPLINADOS

JACIARA JORGE¹; CARMEN ANITA HOFFMANN²

¹Universidade Federal de Pelotas – jaciarajorge@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – carminhalese@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Ao longo da história, a escola se tornou abrigo para a tradição de um pensamento cartesiano, que dissocia razão e emoção, corpo e mente. Partindo deste pressuposto, seria quase impossível imaginar uma educação que levasse em conta as experiências corporais no processo de ensino-aprendizagem. O pensamento cristalizado de que há uma separação “natural” entre o inteligível e o sensível, pode ser uma das questões que tornam a ação do corpo tão tolhida dentro da educação, e por consequência, pode influenciar uma postura que convoca a “imobilidade” dos alunos, cujos corpos são “enraizados” nas suas classes.

Conforme salientou João Batista Freire (1997), de maneira geral, a escola vem tratando os alunos como seres com grandes “cabeças vazias”, que vão à escola para preenchê-las de alguma forma, a exemplo da educação bancária, da qual se refere Paulo Freire (1983). A negação do corpo na escola pode acabar desencadeando inúmeras ações disciplinares¹. De acordo com Soares (2009, p. 29),

Fácil seria culpar a criança pelas mazelas do sistema-educacional-medieval-brasileiro, como se o seu agir violento não fosse um pedido de socorro, um grito desesperado de quem perdeu o seu maior bem ao entrar na escola: o seu corpo (SOARES, 2009, P. 29).

Corpos inquietos, à beira de uma revolução corporal. Com tantas regras para o não-movimento, os alunos acabam tendo usurpados seus momentos mais espontâneos e significativos de interagirem com o mundo. De acordo com os apontamentos de Rudolf Laban² sobre o trabalho com o movimento dentro da escola, é importante ressaltar que “nas primeiras etapas existe sempre o perigo de perder a espontaneidade infantil por excesso de correções e de permitir a entrada furtiva da falta de naturalidade como resultado da superposição de concepções adultas sobre o movimento” (LABAN, 1990, p. 27).

De acordo com os estudos de Piaget (1969), o corpo é agente ativo na construção dos saberes. Por meio dele, conhecemos o mundo, podemos explorá-lo e senti-lo e através de nossas experiências é possível desenvolver um pensamento crítico e reflexivo. Piaget não aborda a categoria corpo, mas fala em seus estudos que é por meio da ação que se constrói o conhecimento. E, ainda, conforme Fernández (1991, p. 59), “desde o princípio até o fim, a aprendizagem passa pelo corpo”.

1 Segundo Foucault (2007), disciplina é um conjunto de regulamentos que controlam e corrigem as operações corporais, impondo ao corpo uma relação de docilidade-utilidade.

2 Teórico da dança e analista de movimento, foi um dos expoentes da Dança Moderna. Escreveu diversos livros sobre Dança-educação e Análise de movimento, dentre eles: *O domínio do movimento* e *Dança educativa moderna*.

O corpo tem um importante papel no processo de aprendizagem e na comunicação humana, pois é *com ele*³ que nos relacionamos com o mundo. Acredita-se que o corpo, por si só, seja um elemento pré-expressivo, e “é nesse sentido que nosso corpo é comparável a uma obra de arte. Ele é um nó de significações vivas [...]” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 210). (Re)descobrir-se, (re)conhecer-se, relacionar-se corporalmente, de modo consciente, com o espaço e interagir com o ambiente e com os outros, são experiências que podem contribuir para o pleno desenvolvimento do aprendente.

A postura crítico-reflexiva do professor se torna fundamental para que se consiga compreender o universo em que vivemos e, assim, fazer relações, conexões e construir conhecimento. Segundo Alarcão (2011 p. 47.48), “A ideia do professor reflexivo, que reflete em situação e constrói conhecimento a partir do pensamento sobre a sua prática, é perfeitamente transponível para a comunidade educativa que é a escola”. Refletir, fazer relações, conexões, resignificações e transformações, são ações próprias ao ato de ensinar e aprender; são próprias à Educação.

Levando em consideração as questões sobre o corpo na escola, abordadas acima, e pensando sobre a postura de um professor sensível e reflexível, o presente estudo pretende investigar como os professores de Arte se relacionam com a presença (cada vez mais frequente) do *Funk*⁴ na sala de aula. Objetiva-se, através deste projeto, verificar aspectos do *Universo Funk* e as possíveis contribuições no trabalho com as questões corporais e artísticas na escola; identificar a possível resistência para questões acerca dos tabus do corpo; analisar as possibilidades de trabalhar a cultura *Funk* em ambientes escolares; e refletir sobre a postura dos professores de arte em relação ao trabalho com esta manifestação cultural no ambiente escolar.

O *Pancadão*⁵ invade a sala de aula e coloca a ordem, o disciplinamento, a moral, e a seriedade do recatado ambiente escolar frente a frente com os movimentos sinuosos, a malícia, as roupas curtíssimas e as letras debochadas e de duplo sentido. O *Funk* está presente na maioria dos aparelhos eletrônicos da *gurizada*. Está no ônibus, nas lojas, na televisão, nos recreios escolares, nas festas, enfim, por toda a parte. A cultura *Funk* dita moda, escancara os tabus do corpo e constrói identidade própria. O professor pode atuar como mediador entre o conhecimento em Arte e o universo do *Funk*, problematizando as possíveis relações artístico-educativas com os conteúdos de Arte na escola, mas muitas vezes isso não acontece.

Cabe salientar a importância do trabalho com a diversidade cultural em sala de aula, para que os professores consigam desenvolver os conteúdos de arte de forma ampla. O *Funk* é extremamente corporal. Corpo é movimento, conhecimento, arte. O corpo, segundo as reflexões de Duarte Jr. (2001), “é território sensível-inteligível, que sente, comprehende, reflete e transforma”.

3 Figueiredo (2009), refletindo sobre as teorias de Merleau-Ponty, ressalta que nós não *temos* um corpo e, sim, *somos* um corpo.

4 Manifestação da cultura popular brasileira em evidência na contemporaneidade.

5 Apelido do *Funk*. É chamado assim pelos funkeiros por causa da batida marcante do ritmo da música.

2. METODOLOGIA

Durante as pesquisas do projeto, espera-se investigar as possíveis contribuições do *Funk* no ensino de arte na escola, tomando por base o trabalho de professores de arte que atuam na educação básica e que sejam formados em diferentes linguagens artísticas, verificando as possibilidades de ressignificação dos “modos de ver e viver” os diferentes artefatos culturais. No presente momento, está se fazendo a leitura e a coleta de referenciais para o aporte teórico que sustentará o trabalho.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O interesse em pesquisar o *Funk* no espaço escolar surgiu a partir da experiência de uma das autoras durante o estágio em Dança, ainda na graduação, e de seus desafios como professora de Dança na rede estadual de ensino do Rio Grande do Sul. Percebeu-se durante a prática docente que havia uma grande resistência dentro do espaço escolar para com esta manifestação cultural, possivelmente porque a cultura *Funk* está frequentemente associada à sexualidade, à marginalidade, à imagem negativa da figura feminina e à violência. Mesmo com toda a visibilidade da cultura *Funk* e mesmo estando muito presente no universo de crianças e adolescentes, na escola o *Funk* se torna assunto proibido.

Frente a problemática exposta até o momento, surgem diversas questões que norteiam este trabalho, como por exemplo: Por que a escola não utiliza o *Funk* como recurso pedagógico para trabalhar as questões do corpo e da construção de identidades em sala de aula? Os educadores não refletem com os alunos sobre as questões de violência e degradação da imagem da mulher nas letras de *Funk*? Por que há resistência no universo escolar para discutir os tabus do corpo e a maneira *escrachada* de lidar com esses tabus na cultura *Funk*? Qual é o papel do professor frente a estas questões polêmicas?

Envolvida por tais questionamentos e com a acolhida do referido projeto pelo coletivo de pesquisadores no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da UFPel, pretende-se com este estudo aprofundar a reflexão sobre a presença marcante do *Funk* enquanto manifestação cultural na escola, bem como analisar seus desdobramentos no desenvolvimento da corporeidade, da Dança, do pensamento crítico em Arte e da construção de identidade no ambiente escolar.

4. CONCLUSÕES

Segundo Laban (1990) é fundamental que o educando possa vivenciar experiências que o instiguem à apropriação de seus movimentos, dos movimentos dos outros e, durante estes processos exploratórios⁶, perceber as relações entre corpo, espaço e aprendizagem, tornando-se um ser mais criativo, observador e crítico, podendo construir, assim, o seu conhecimento. Estes processos exploratórios fazem parte do universo de descobertas e aprendizagem

⁶ Processos exploratórios que visam, pelas experiências corporais, a construção do conhecimento (LABAN, 1978).

das crianças, ocorrendo, muitas vezes, de maneira “desordenada”, aos olhos da escola. Acredita-se que este estudo possa contribuir com o trabalho dos profissionais da educação, principalmente àqueles que se dedicam a pesquisar as questões artísticas, pois a presença do *Funk* no dia a dia escolar é uma realidade. Resignificar o olhar sobre o movimento apresentado pela cultura *Funk* é, no mínimo, necessário nos dias de hoje.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva.** – 8. ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

DUARTE – Jr., João Francisco. **O Sentido dos sentidos: a educação (do) sensível.** Curitiba: Criar, 2001.

FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro. Teoria e prática da Educação Física.** São Paulo: Scipione, 1997.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza.** – 9. ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

LABAN, Rudolf. **O domínio do movimento** – Org. Lisa Ullmann. São Paulo: Summus, 1978.

_____. **Dança Educativa Moderna.** São Paulo: Ícone, 1990.

MARQUES, Isabel A. **Ensino de dança hoje: textos e contextos.** São Paulo: Cortez, 2008.

MATTA, Luiz Fernando Mattos da (DJ Marlboro). **DJ MARLBORO (por ele mesmo): o funk no Brasil.** Organização Luiza Salles. Rio de Janeiro: Mauad, 1996.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MIZRAHI, Mylene. **A influência dos subúrbios na moda da Zona Sul.** Monografia (Pesquisa coordenada)–Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2003.

_____. **Figurino funk: uma etnografia sobre roupa, corpo e dança em uma festa carioca.** Dissertação (Mestrado em Antropologia Cultural) – PPGSA/IFCS, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu. (org.) **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SOARES, José Montanha. **O poder simbólico no cotidiano escolar: reflexões sobre o corpo da criança.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2009.

TOMAZZONI, A.; WOSNIAK, C.; MARINHO, N. (Org). **Algumas perguntas sobre Dança e Educação.** Joinville: Nova Letra, 2010.